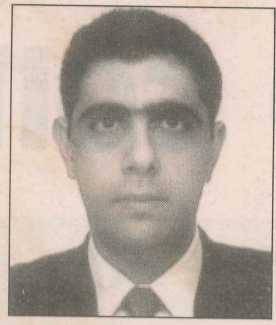


11 23847-2

Instituto de Estudos dos Santos
Biblioteca

O trabalho em tempo de mudanças



José Carlos Rizk Filho

Com o advento da chamada globalização da economia as relações entre capital e trabalho estão alcançando um estágio novo, não se resumem somente ao confronto, mas também de parceria em detrimento àquela antiga concepção de alteridade (*alters* – trabalho produzido para proveito de outro) da doutrina clássica. Em outras palavras, não se encontra hoje o trabalhador totalmente alheio ao sucesso/insucesso da atividade empresarial.

Os movimentos trabalhistas que se fortaleceram na Europa desde meados do século XIX adquiriram uma dinâmica de confronto com o capital, pois estavam fortalecidos na sua tendência fortemente exploradora, tanto no decorrer da primeira Revolução Industrial, em todo século XIX, com as longas jornadas do trabalho nas minas, como também no decorrer de quase toda Segunda Revolução Industrial, com as também longas jornadas de trabalho nas linhas de montagem.

A nova Revolução Industrial vivida nos dias de hoje repousa sobre a emergência de tecnologias que estão deslocando o núcleo de acumulação de capital, marginalizando as indústrias tradicionais.

Esta indústria desta nova era (nova Revolução Industrial) caracteriza-se pela intensa aplicação da ciência e do conhecimento na elaboração de novos produtos.

Ao contrário dos ramos tradicionais, a condição essencial para seu desenvolvimento é a presença de centros de pesquisas e mão-de-obra altamente qualificada. Aliado ao fato de que essas mesmas tecnologias exterminam os empregos cuja mão-de-obra seja dispensável (cobradores de ônibus, ascensoristas, recepcionistas, fiscalizadores de pagamento de estacionamento e todas as demais atividades manuais prescindíveis/substituíveis).

Muda-se, portanto, o perfil do emprego e apresenta-se um alarmante quadro de desemprego, de tal forma que, muito provavelmente, a redução da jornada de trabalho, a limitação das horas-extras e o contrato

temporário de trabalho não são capazes de superá-lo, apesar de serem medidas necessárias para amenizar as perturbações sociais geradas pelo desemprego, uma vez que o problema é estrutural.

Precisa-se entender porque o trabalhador vem perdendo todas as garantias conquistadas em movimentos reivindicatórios desde o século XIX.

O novo trabalho com tecnologia de processos e produtos, passou a assumir posição de destaque na nova relação capital/trabalho. Em decorrência, o investimento em pessoas passou a ser cada vez mais importante e necessário uma vez que, para as empresas inseridas na indústria de ponta, a sua maior riqueza está na qualidade

do elemento humano que possui. Assim, neste segmento produtivo, rica é a empresa que tem cérebro: é a economia do conhecimento.

Devido ao elevado estoque de capital humano que as empresas modernas possuem

passou-se a uma mudança nas relações capital/trabalho, de uma linha administrativa autoritária – pois tinha o capital como centro do processo decisório – para uma administração participativa, devido à parceria entre capital físico e capital humano, que está se consolidando e mudando o perfil da administração.

A nova Revolução Industrial não multiplica o trabalho humano pela eficiência da máquina tampouco explora a mão-de-obra, como outrora já pôde ser visto, mas privilegia o cérebro como propulsor do conhecimento e meio pelo qual poderá se fazer dispensar tanto homens (novas contratações) como novas máquinas (novos custos). Estaremos preparados para ela? Só o tempo dirá o que o novo trabalho representará.

“O investimento em pessoas passou a ser cada vez mais importante e necessário”

José Carlos Rizk Filho é advogado, professor universitário, pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho e mestrando em Direito. josecarlos@ivp.com.br